

## EDITORIAL

DOI

<http://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v17i34p5-7>

A edição 34 marca o início de uma nova editoria da *Revista CPC*, publicada pelo Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo (CPC-USP). Criada no contexto da necessidade de divulgação científica sobre os temas do patrimônio universitário e da atuação desse órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da USP, este periódico científico acompanhou e foi parte fundamental da expansão do campo disciplinar em todo o território nacional nos últimos anos. Assiste-se hoje a um renovado interesse na área, com diversos cursos de especialização, pós-graduação em universidades de todo o Brasil e novas possibilidades de atuação profissional no que se chamou de campo ampliado do patrimônio cultural. A *Revista CPC* tem como uma de suas missões colaborar na promoção do debate sobre o patrimônio, publicando artigos científicos que reverberem as renovações conceituais e disciplinares na área, contemplando a sua multiplicidade de temas e, ao fim e ao cabo, colaborar com o desafio da preservação do patrimônio.

Assumindo a tarefa de nova editora da revista, a partir de minha gestão à frente do CPC, tenho a satisfação de apresentar a edição do segundo semestre de 2022, ainda sob o impacto de grandes transformações e destruições do patrimônio cultural no Brasil nos últimos anos, reiterando os compromissos com a promoção do debate crítico por meio da reflexão acadêmica que os periódicos podem realizar.

A edição que ora apresento indica as formas pelas quais a *Revista CPC* resiste na repercussão das pesquisas do patrimônio, apresentando artigos que, por meios distintos e com objetos variados, refletem acerca de um campo disciplinar denso e complexo. O primeiro artigo é de autoria de Davi Dornelles, Virgínia Pontual e Rosane Piccolo, cujo foco é o conceito de significância cultural. O texto constrói um panorama da forma como o termo foi utilizado por teóricos e instituições de salvaguarda nos contextos

anglo-saxões e nacionais, recuperando o histórico das ideias e de seus usos. Seguindo uma tradição de estudos em história urbana e das suas relações de formação com os caminhos históricos, o texto de Isabelle Almeida e Ana Cecília Vasconcelos mostra a trajetória do processo de urbanização em Fortaleza, por meio do estudo da formação e transformação de um antigo caminho na cidade. Apoiado na bibliografia sobre a cidade e analisando algumas cartografias, o texto percorre o processo de urbanização da Vila do Forte chegando às brutais transformações da região, fomentando uma reflexão a respeito da preservação urbana e acerca da paisagem. No campo ampliado das discussões quanto à conservação do patrimônio cultural articulada a questões de gênero, o texto de Bruna Lopes e Diana Vidal traz uma análise dos arquivos femininos no acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP. Olhando para dois fundos arquivísticos de escritoras, o texto estuda como esses acervos são utilizados como fontes de pesquisa. O artigo mostra que, apesar do crescimento do interesse por escritoras mulheres, esses acervos ainda são espaços a serem explorados e com grande potencial de reflexão crítica. Por fim, completa a série de artigos o texto de autoria coletiva dos pesquisadores do Museu Nacional acerca das representações da ciência e dos cientistas a partir de uma exposição sobre as descobertas no continente antártico. A exposição permitiu aos autores problematizar de que maneira os cientistas são figurados, bem como refletir sobre a importância do Museu Nacional.

No ano que se completam os cinquenta anos da Convenção do Patrimônio Mundial, a *Revista CPC* publica a entrevista com Amadou-Mahtar M'Bow, geógrafo senegalês e diretor-geral da Unesco entre 1974 e 1987. Na entrevista, Amadou-Mahtar percorre casos emblemáticos de reconhecimento do patrimônio mundial e discorre acerca das tensões e possibilidades futuras da convenção, como os desafios impostos às pesquisas nas questões ambientais e a falta de diversidade e, conseqüentemente, maior representatividade dentro do assunto.

Reforçando o espaço de divulgação científica, a sessão Resenhas apresenta o livro *Time is Money: o lugar do patrimônio cultural nas políticas de desenvolvimento do BID*, de George da Guia. Marina Brandão analisa o livro a partir do conceito de desenvolvimento, procurando os seus reiterados nexos com os debates sobre o patrimônio cultural na América Latina.

Por meio da análise crítica do livro, compreende-se o papel central do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) na circulação de ideias sobre desenvolvimento e como elas foram articuladas no campo do patrimônio cultural a partir de múltiplos deslocamentos conceituais. O livro é de leitura fundamental tanto aos pesquisadores quanto aos interessados sobre esse tema de valor imprescindível.

Na sessão Relatos e Depoimentos pode-se acompanhar algumas das ações do CPC-USP realizadas em 2022, na nova gestão do Centro, com a reabertura das atividades presenciais. Entre seminários, eventos científicos, mesas-redondas e a abertura da exposição *Yayá: cotidiano, feminismo, doença, riqueza*, destaca-se a retomada dos cursos de difusão em patrimônio cultural e os seminários acadêmicos. O relato de João Demarchi e Mariana Kimie sobre o curso Educação e Patrimônio problematiza os conceitos da área e reflete acerca das experiências de inventário como novo cânone de relação com os sujeitos sociais. A grande procura pela formação na área do patrimônio que os cursos deste ano tiveram reitera a importância do CPC como um dos polos de discussão e difusão de saberes e práticas. Nessa perspectiva, realizou-se o seminário *Destruições/Construções: Fragilidades, Ameaças e Ressignificação do Patrimônio Cultural*, que reuniu, em outubro de 2022, na sede do CPC, localizada na Casa de Dona Yayá, pesquisadores de todo o território nacional para discutir casos e experiências no que concerne às dramáticas situações de fragilidade e destruição do patrimônio cultural. Os dois dias foram de intensos debates e as apresentações foram uma oportunidade para se discutir o campo do patrimônio no Brasil e as repactuações necessárias ao fortalecimento das políticas públicas na área.

Por fim, desejo a todas e todos uma excelente e instigante leitura e, sobretudo, engajada nas novas expectativas para o patrimônio cultural em 2023.

*Flávia Brito do Nascimento*

Editora